



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2016v4n3p97-110

COMPLEXIDADE E MULTIRREFERENCIALIDADE: BASES EPISTEMOLÓGICAS PARA A COMPREENSÃO DO PAPEL DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS

COMPLEXITY AND MULTIREFERENTIALITY: BASES EPISTEMOLOGICAL FOR UNDERSTANDING OF NARCOTICS ANONYMOUS PAPER
COMPLEJIDAD Y MULTIRREFERENCIALIDAD: BASES EPISTEMOLÓGICAS PARA EL ENTENDIMIENTO DE LA FUNCIÓN DEL NARCÓTICOS ANÓNIMOS

José Lamartine de Andrade Lima Neto¹
José Luis Michinel³

Maria Olívia Matos de Oliveira²
Hernane Borges de Barros Pereira⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre bases epistemológicas para a discussão do papel de grupos de Narcóticos Anônimos (NA) na recuperação de adictos ao uso de drogas. A complexidade e a multirreferencialidade são tomadas como possíveis bases epistemológicas para esta discussão. Assim sendo, para compreensão do tema, são apresentados aportes teóricos sobre estas bases, e são discutidos os fundamentos para a escolha delas.

PALAVRAS-CHAVE

Complexidade. Multirreferencialidade. Narcóticos Anônimos. Adicção.

ABSTRACT

This article aims to present reflections on epistemological basis for discussion of the role of Narcotics Anonymous groups (NA) in recovering addicts to drug. The complexity and the multi-referentiality are taken as possible epistemological basis for this discussion. Therefore, to understand the subject, it is presented theoretical contributions on these bases and it is discussed the reasons for choosing them.

KEYWORDS

Complexity. Multi-referentiality. Narcotics Anonymous. Addiction.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar reflexiones acerca de bases epistemológicas para la discusión del papel de los grupos de Narcóticos Anónimos (NA) en la recuperación de los adictos al consumo de drogas. La complejidad y las multirreferencialidad se toman como posibles bases epistemológicas de esta discusión. Por lo tanto, para entender el tema, aportes teóricos sobre estas bases se presentan, y se discuten las razones de la elección de ellas.

PALABRAS CLAVE

Complejidad. Multirreferencialidad. Narcóticos Anónimos. Adicción.

1 INTRODUÇÃO

Os grupos de Narcóticos Anônimos (NA), por sua conformação e seu *modus operandi*, constituem uma realidade complexa. Estudá-los requer uma epistemologia que, em seu bojo, tenha afinidade com a realidade heterogênea, complexa e dinâmica desses grupos. Estudos preliminares permitem que se apresente o pressuposto de que o grupo de NA exerce o papel de grupo terapeuta no processo de recuperação de adictos ao uso de drogas (BURNS, 1995).

Para lançar luz sobre o tema, este texto tem como objetivo apresentar reflexões preliminares sobre bases epistemológicas que possam nortear as pesquisas com foco na compressão do papel de grupos na recuperação de adictos ao uso de drogas. Considerando o marco teórico no qual se erigem as abordagens epistemológicas da complexidade – buscando suas interseções com o pensamento complexo – e da multirreferencialidade, estas correntes epistemológicas são apresentadas e discutidas como norteadoras da construção do conhecimento para pesquisas com este enfoque.

A fim de alcançar o objetivo proposto, este texto está estruturado de forma que, além desta breve introdução, são apresentadas mais quatro seções: a primeira discute a complexidade e a multirreferencialidade; a segunda discute a adicção e os grupos de Narcóticos Anônimos (NA); a terceira apresenta reflexões sobre complexidade e multirreferencialidade como bases epistemológicas para compreensão do tema. Por fim, há uma seção com as considerações finais.

2 A MULTIRREFERENCIALIDADE E A COMPLEXIDADE

A noção de multirreferencialidade está estreitamente relacionada com a noção de complexidade. Ardoino (1998), estudioso que difundiu a abordagem

multirreferencial, adota o sentido de complexidade dado por Edgar Morin.

O que é a complexidade? À primeira vista, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. (MORIN, 2008, p. 20).

O pensamento complexo surge como resposta à necessidade de outras abordagens quando o pensamento reducionista, simplificador, é insuficiente (MORIN, 2008).

[...] A complexidade aparece certamente onde o pensamento simplificador falha, mas integra nela tudo o que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e, finalmente, ilusórias de uma simplificação que se torna reflexo do que há de real na realidade. (MORIN, 2008, p. 8-9).

Para Morin (2008), assim como para Ardoino (1998), a complexidade não está apenas no olhar que o pesquisador utiliza para estudar seu objeto, ou na maneira como ele aborda os fenômenos, mas também no próprio objeto de pesquisa, uma vez que a própria delimitação dele é uma construção do pesquisador.

2.1 OS PRINCÍPIOS DA COMPLEXIDADE

Segundo Morin (2008), três princípios contribuem para a compreensão da complexidade: o princípio dialógico, o princípio da recursão organizacional, e o princípio hologramático.

O princípio dialógico permite a manutenção da dualidade no seio da unidade, e a associação pro-

cessos ao mesmo tempo complementares e antagônicos. Embora os processos complexos interligados por este princípio possuam certa existência independente, e por vezes antagônica, entre eles há complementaridades. Por exemplo: “[...] o processo sexual produz indivíduos, que produzem o processo sexual. Os dois princípios, o da reprodução transindividual e o da existência individual *hic et nunc*, são complementares, mas também antagônicos (MORIN, 2008, p. 107).

Considerando o princípio da recursão organizacional, um processo recursivo é aquele em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causa e consequência daquilo que os produziu. Ainda, tomando como exemplo o processo de reprodução humana: “somos produzidos, tornamo-nos produtores do processo que vai continuar [...]” (MORIN, 2008, p. 108). A recursividade rompe com a noção linear de causa e efeito, uma vez que “tudo o que é produzido volta sobre o que pro-

duziu, num ciclo auto-constitutivo, auto-organizador e auto-produtor [...]” (MORIN, 2008, p. 108).

O princípio hologramático se baseia no fato de que o menor ponto da imagem num holograma contém quase a totalidade da informação do objeto representado. Assim, a parte está no todo e o todo está na parte.

[...] o que se adquire como conhecimento das partes regressa sobre o todo. O que se aprende sobre as qualidades emergentes do todo que não existe sem organização, regressa sobre as partes. Então pode enriquecer-se o conhecimento das partes pelo todo e do todo pelas partes, num mesmo movimento produtor de conhecimentos. Portanto, a ideia hologramática está ligada à ideia recursiva que, por sua vez, em parte está ligada à ideia dialógica. (MORIN, 2008, p. 109).

Além dos princípios já apresentados, Morin (2003, p. 72-75) também gerou outros princípios norteadores da complexidade, conforme mostrados no Quadro 1.

Quadro 1 Princípios norteadores da complexidade

Princípio	Descrição
Princípio sistêmico	Une o conhecimento das partes ao conhecimento do todo, conforme preconizou Pascal (1623 - 1662). É uma oposição ao reducionismo, ao afirmar que o todo é maior que a soma das partes;
Princípio hologramático	Evidencia o paradoxo todo-parte, ou seja, as partes estão no todo e o todo está em cada parte;
Princípio do ciclo retroativo	Criado por Norbert Wiener (1965), rompe com a linearidade casual: a causa age sobre o efeito e vice-versa. É o princípio da estabilidade do sistema;
Princípio do ciclo recorrente	O ser humano é produto e consequência do que produz. O ser humano produz humanidade, ao mesmo tempo em que fornece linguagens e cultura;
Princípio da auto-organização	Os organismos são sistemas auto-organizadores, que se autoproduzem e consomem energia para a manutenção de sua autonomia;
Princípio dialógico	Concebe uma dialógica ordem/desordem/organização, desde os primórdios do universo. “a dialógica permite-nos aceitar a associação de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo”. Por exemplo, citam-se os conceitos de espécie e de sociedade, onde a consideração de um faz desaparecer o outro. Porém, o “pensamento complexo aceita dialogicamente os dois termos, que tendem a se excluir um ao outro”;

Princípio da reintrodução do conhecido em todo conhecimento	Revela o problema cognitivo central: “todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/inteligência em uma cultura e em tempo determinados”.
--	---

Fonte: Adaptado de Morin (2003, p. 72-75).

A complexidade tem como premissa a implicação do pesquisador ao realizar qualquer pesquisa social. Também defende a busca da compreensão do objeto pesquisado como um todo, embora possa compreender partes para auxiliar na compreensão do todo – como indica o princípio hologramático.

2.2 ASPECTOS DA MULTIRREFERENCIALIDADE

A abordagem multirreferencial foi esboçada por Jacques Ardoino, professor da Universidade de Vincennes (Paris VIII), e seu grupo de trabalho.

Esta abordagem, à medida que pretende assegurar a complexidade de tais fenômenos, pressupõe a conjugação de uma série de abordagens, disciplinas etc. de tal forma que elas não se reduzam umas às outras e nos levem a um tipo de conhecimento que se diferencia daquele que é concebido na ótica do cartesianismo e do positivismo, caracterizando-se principalmente pela pluralidade e heterogeneidade (MARTINS, 2004, p. 85).

A multirreferencialidade na análise dos fatos, das práticas, das situações, dos fenômenos educativos propõe uma leitura plural de seus objetivos, a partir de diferentes ângulos, em função de sistemas de referenciais distintos não redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos (BARBOSA, 1998a). Uma leitura plural supõe a quebra das fronteiras disciplinares, a quebra da monorracionalidade na compreensão, análise, explicação, articulação, construção do objeto de pesquisa. Supõe a leitura plural a partir de diversos ângulos.

Por exemplo, um objeto pode ser analisado a partir de instrumentos econômicos, sociológicos, antropológicos, filosóficos, e esta análise pode ser considera-

da multirreferencial se ela adota não só instrumentos disciplinares, mas também os valores e referências desses campos de conhecimento. Por exemplo, se uma análise incluir vários instrumentos e valores oriundos do senso comum, de base pragmática, de base científica ou de base religiosa, ela inclui a multirreferencialidade, isso é, fundamenta-se em olhares não disciplinares (senso comum, práxis, ciência, religião, espiritualidade, ritos etc.).

Ainda conforme Barbosa (1998a), esta visão epistemológica adota a heterogeneidade como a realidade e não uma situação a ser superada.

Multirreferencialidade, na sua origem, é um assunto de pesquisadores e de práticos também. É uma resposta à constatação da complexidade das práticas sociais e, num segundo tempo, o esforço para dar conta, de um modo um pouco mais rigoroso, desta mesma complexidade, diversidade e pluralidade. [...] Multirreferencialidade é uma pluralidade de olhares, não só disciplinares, dirigidos a uma realidade e, em segundo lugar, uma pluralidade de linguagens para traduzir esta mesma realidade e os olhares dirigidos a ela. O que sublinha a necessidade da linguagem correspondente para dar conta das especificidades desses olhares. (BARBOSA, 1998b, p. 205).

A multirreferencialidade tem sido o lastro para o desenvolvimento e para a discussão de temas da vida humana que careciam de espaço em ambientes acadêmicos tipicamente disciplinares. René Barbier (1998), por exemplo, discute o tema da sensibilidade, principalmente sob a forma de escuta sensível. Para o autor, sensibilidade é uma forma elaborada do sentimento de ligação: uma empatia generalizada em relação a tudo o que vive e a tudo o que existe, e é a base

da escuta sensível. Estendendo o conceito de escuta sensível para uma postura a ser cultivada em todas as situações, tal postura requer isenção de rótulos ou preconceitos, um estado de atenção serena para perceber o outro ou as situações sem premeditadamente criar ideias sobre eles. Interiorizar a escuta sensível seria transcender a prática de prejulgar (BARBIER, 1998).

Além de abordagem epistemológica, a multirreferencialidade, também, enseja a proposição de técnicas relacionadas à construção de conhecimento. A bricolagem, por exemplo, é uma técnica aplicada em estudos que se norteiam pela multirreferencialidade. Lapassade (1998) adota a definição de bricolagem como o trabalho criativo, engenhoso, de utilizar recursos secundários, finitos. O autor diz que é raro o pesquisador descrever a dimensão do improvisado e do intuído. Ele afirma ainda que

[...] cada referência nova vinha, dessa forma, enriquecer as de que eu me servia anteriormente. Foi nesse momento então, ao que me parece, que a noção de multirreferencialidade - ou a ideia que tenho de multirreferencialidade - tornou-se, para mim, operacional. Ela permitia, realmente, pensar a convergência que fora lentamente adquirida, e que era sempre retomada, sob várias perspectivas voltadas para um mesmo objeto de estudo. (LAPASSADE, 1998, p. 147).

Como afirma Martins (2004), a multirreferencialidade reconhece a heterogeneidade normalmente presente nos problemas relacionados às ciências humanas, pois neles há a coexistência temporal de várias perspectivas teóricas, várias abordagens, vários paradigmas. Nas ciências humanas há simultaneidade de teorias, o surgimento de novas teorias em geral não elimina as anteriores. Esta heterogeneidade engendra um campo de tensão que permite vislumbrar novas perspectivas epistemológicas para a compreensão dos fenômenos humanos.

3 ADICÇÃO A DROGAS

O uso de substâncias psicoativas ou drogas teve origem quando o homem, já em sociedade, se apro-

veitava de recursos naturais para se adaptar às dificuldades do meio em que vivia. Na atualidade, visto os impactos relacionados à saúde pública e à criminalidade, as questões envolvendo drogas se colocam como assuntos urgentes na pauta de diversos governos e instituições (LOECK, 2009).

Segundo Planeta e DeLucia (2009), os primeiros estudos relacionados a drogas que resultaram em classificação na área de saúde datam do início do século XIX. Em 1804 passou-se a encarar a embriaguez como transtorno mental, e sua forma mais crônica, o alcoolismo, foi denominado de dipsomania por von Bruhl-Cramer em 1819 (PLANETA; DELUCIA, 2009). Em 1845, Jean Jacques Moreau publicou um estudo sobre os efeitos do haxixe no comportamento e psiquismo humano, resultando no livro *Du hashish et de l'alienation mentale* considerado um marco no estudo dos efeitos das drogas no ser humano (PLANETA; DELUCIA, 2009). Nota-se, assim, que há mais de dois séculos o assunto vem sendo discutido com base científica.

No cenário nacional brasileiro da atualidade, observa-se um contraste com o declínio do consumo de cocaína na América do Norte e a estabilização na Europa, evidenciando números absolutos que coloca o Brasil como o maior mercado de consumo desta droga na América Latina.

Os dois principais mercados para a cocaína, a América do Norte e a Europa Ocidental e Central, registraram uma diminuição do uso de cocaína entre 2010 e 2011. [...] Enquanto o uso de cocaína em muitos países sul-americanos diminuiu ou se manteve estável, houve um aumento substancial no Brasil. (WDR, 2013, p. 2).

O Relatório Mundial de Drogas de 2013 ainda destaca que:

A nível mundial houve um aumento na produção e uso indevido de novas substâncias psicoativas, ou seja, substâncias que não estão sob controle internacional. A produção e o uso de substâncias que estão sob controle internacional permanecem em grande parte estáveis em comparação com 2009, apesar das

tendências de oferta e demanda de drogas terem sido desiguais entre regiões e países e entre tipos de drogas. Os Estados-Membros que são parte das três Convenções de controle internacional de drogas, adotadas para proteger a saúde e o bem-estar da humanidade, permanecem comprometidos com o sistema de controle de drogas. Evidências mostram que, enquanto o sistema pode não ter eliminado o problema das drogas, ele continua a garantir que esse problema não se agrave e chegue a proporções incontroláveis. (WDR, 2013).

Uma das maneiras que as ciências biomédicas encontraram para intervir sobre estes corpos “dependentes”¹ ou “adictos” foi defini-los a partir da noção de diferença, ou seja, “os indivíduos dependentes são considerados diferentes moral e fisiologicamente em relação aos normais” (LOECK, 2009, p. 58). Segundo Keane (2005, p. 92), esta diferença moral e fisiológica do adicto em relação ao sujeito normal se deve a um processo de “[...] poluição e corrupção, no qual substâncias ‘de fora’ quebram o balanço e auto-suficiência originais do corpo”.

Velho (1999) demonstrou quais os tipos de restrições que o usuário de drogas sofre ao ser identificado como consumidor, utilizando o conceito de “categorias de acusação”, especificamente, a de “drogado”:

[...] drogado é uma acusação moral e médica que assume explicitamente uma dimensão política, sendo, portanto, também uma acusação totalizadora. O fato de os acusados serem moralmente nocivos segundo o discurso oficial, pois têm hábitos e costumes desviantes, acaba por transformá-los em ameaça ao *status quo*, logo em problema político [...]; a categoria drogado explícita de imediato, a problemática de patologia individual. O drogado seria, por definição médica, um doente. A partir daí, constrói-se todo um discurso sobre a anormalidade do consumo de drogas e sobre as consequências nefastas para o indivíduo e para a sociedade desse hábito, vício, dependência, etc. (VELHO, 1999, p. 60-61).

Velho (1998) constatou que existe uma tendência ao uso coletivo de drogas, e segundo Cardoso (2006,

p. 86), “as drogas podem se tornar um importante elemento de socialização e, em alguns momentos, de diferenciação de estilos de vida e, portanto, de hierarquização social”. Considerando que mesmo sendo comum o consumo individual de cocaína, “é sintomático que a iniciação no seu uso seja, quase sempre, por intermédio de um grupo” (CARDOSO, 2006, p. 86). Para alguns usuários, ao longo do tempo o padrão de uso muda, saindo de aspectos socializantes e ingressando em uma fase onde surge a face mais obscura de sua personalidade. Não é raro adictos cometerem crimes para manter o uso de drogas. Assim, em contraponto à noção socializante da droga, estudos sobre o comportamento adictivo têm tentado demonstrar que,

[...] dependendo do tipo de droga de escolha, as atividades de busca da droga tornam-se dominantes na vida do adicto, fazendo com que ele empregue suas maiores energias e a maior parte de seu tempo em criar estratégias de acesso à droga. Com isso, as relações interpessoais seriam relegadas a um plano secundário. Isto geraria um efeito retroativo onde busca de drogas favoreceria comportamentos considerados individualistas e a solidão provocada contribuiria para nova busca de drogas. (CARDOSO, 2006, p. 85).

Os aspectos contraditórios de comportamentos com características socializante e individualista podem ser interpretados com a visão de que a adicção atinge o indivíduo em três campos da vida. O campo físico, desencadeado pelo “uso compulsivo de drogas” (NARCÓTICOS..., 1993, p. 25), uma vez que o adicto utiliza a droga, buscando sentir novamente um efeito como o da primeira dose. O campo mental da doença, pela manifestação de um “desejo incontrolável que nos leva a usar” (NARCÓTICOS..., 1993, p. 25), conhecido no campo médico como pensamento obsessivo. E, por último, o campo espiritual caracterizado por “total egocentrismo” (NARCÓTICOS..., 1993, p. 25).

Com a chegada, nas últimas décadas, de novos valores e olhares mais atentos às diferenças individuais, à autonomia, ao diálogo e não-hierarquização nas relações, a questão das drogas assume uma complexidade tal que se torna muito difícil avaliar com preci-

1. Neste trabalho os termos “adicto” e “dependente químico” serão tomados como sinônimos.

são as múltiplas interações que ele abarca nos diversos setores da sociedade, tais como familiar, escolar, grupo de pares, mídia e comunidade de convivência, dentre outros (SCHENKER; MINAYO, 2005).

3.1 NARCÓTICOS ANÔNIMOS (NA)

Os grupos de Narcóticos Anônimos (NA) nasceram a partir dos Alcoólicos Anônimos, em 1953 na Califórnia (EUA). Estes grupos utilizam de maneira pragmática o conceito de adicto para o “dependente químico”, e “adição” para o estado de “dependência química”, considerada como uma doença incurável, podendo-se apenas controlar seus efeitos por meio da abstinência total de qualquer substância psicoativa, e este processo é denominado “recuperação”. Segundo consta em um de seus principais livros, a “identificação como adictos inclui toda e qualquer substância que modifique o humor ou altere a mente” (NARCÓTICOS..., 1993, p. XIII).

Uma forma de abordar o fenômeno de recuperação dos adictos é tentar compreender a recuperação, tal como descrita pelos membros destes grupos, como um processo de terapia de grupo entre pares, sem negar que este sistema poderia tornar-se, em última análise, uma cultura distinta, composta de ritos, caracterizado por uma configuração espaço-temporal, uma série de objetos, sistemas de comportamentos, linguagens e signos com funções emblemáticas e sentido codificado, que constitui um dos bens comuns do grupo e que os distingue e os caracteriza.

Os grupos de ajuda mútua, nas suas mais diversas vertentes, partem de um pressuposto essencial: a identificação e o compartilhamento de experiências entre pessoas acometidas por uma mesma condição têm grande valor terapêutico (BURNS, 1995). Outro fator importante na sua constituição é o fato de não serem grupos compostos por um corpo de profissionais, uma vez que participam apenas aqueles que se identificam com a condição a ser *tratada* (adictos). Desta forma, cria-se um ambiente no qual aqueles que estão

participando, por mais diversas que sejam suas histórias de vida, partilham uma coisa em comum, uma mesma condição de doença – e isto, em princípio, proporciona a igualdade entre todos (LOECK, 2009).

A influência de Narcóticos Anônimos na vida de seus membros pode ser medida a partir de informações publicadas na revista internacional *The NA Way Magazine*. Estudos realizados com 13.500 membros de grupos de NA de várias partes do mundo permitiram fazer um mapeamento de seus frequentadores. As áreas da vida que tiveram melhorias entre os membros de NA pesquisados foram as relações familiares, citadas por 92% dos entrevistados; a conectividade social (88%); além de hobbies e interesses (80%), habitação estável (76%), emprego (72%) e avanço educacional 56% (NARCOTICS..., 2010, p. 2).

Na visão antropológica de Marcel Mauss, citado por Lanna (2000), um aspecto elementar das sociedades, em todos os tempos históricos, é o “intercâmbio e a dádiva”. Dar, receber e retribuir são, para Mauss, três momentos distintos cuja diferença é fundamental para a constituição e manutenção das relações sociais. Os membros de grupos de ajuda mútua, como Narcóticos Anônimos, fazem isso de forma muito particular – dar, receber e retribuir fazem parte da recuperação.

O argumento central do *Ensaio sobre a Dádiva* de Marcel Mauss, segundo Lanna (2000, p. 175), é que:

[...] a dádiva produz a aliança, tanto as alianças matrimoniais como as políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade).

A filosofia dos grupos de NA se constrói por duas vertentes: a) 12 PASSOS – que vai marcar a “vivência” de cada membro; b) 12 TRADIÇÕES – que marca as relações de “convivência” entre os membros (NARCÓTICOS..., 1993). A abordagem plural, segundo Moreira (2004, p. 1080), associada “a uma cultura de recupe-

ração, que não deixa de evocar a religiosidade representada em um ‘ser superior’ integrante da filosofia dos NA, permite colocar em operação o tripé – dar, receber e retribuir – que faz circular a abstinência como um valor, o que reforça a necessidade de uma abordagem multirreferencial.

4 REFLEXÕES SOBRE COMPLEXIDADE E MULTIRREFERENCIALIDADE COMO BASES EPISTEMOLÓGICAS PARA COMPREENSÃO DO TEMA

Este trabalho tomou como pressuposto o fato de que o grupo de Narcóticos Anônimos (NA) exerce o papel de grupo terapeuta no processo de recuperação do uso de drogas (BURNS, 1995). Segundo afirmações de membros de NA, quando o grupo de NA está reunido o próprio grupo representa a figura de um terapeuta, como se esta representação subjacente tivesse vida própria, pairando acima e entre os membros de NA, resultante de uma emergência fruto da complexidade. Este vínculo entre as pessoas faz com que o todo seja maior que a soma das partes – como indica o princípio sistêmico da complexidade –, revelando que a intensidade da recuperação dos membros de NA depende da qualidade das relações no grupo.

Considerando que as redes de pessoas se formam quando os benefícios das conexões são maiores que

os custos, e considerando que os grupos de NA se perpetuam por muito tempo, pode-se dizer que o grupo-terapeuta em Narcóticos Anônimos agrega aos seus membros mais benefícios do que custos.

Em um grupo de NA, como fruto de relações sistêmicas, o conhecimento é compartilhado, principalmente nas reuniões, permitindo a difusão de saberes por meio das trocas de experiências. Todo este processo ocorre mediado pela linguagem por meio das falas e dos gestos, bem como dos silêncios, em um ambiente que propicia a emergência do grupo terapeuta, composto de relações intrincadas entre diversos elementos constitutivos: os membros de NA, o conhecimento circulante, a forma ritualística com que ocorrem as reuniões, os acordos tácitos firmados.

A atmosfera de confiança gerada por meio do acordo de anonimato, além de uma proposta não verbalizada de escuta sensível, garante que emerja a figura de uma entidade psíquica nomeada como Deus, natureza, Poder Superior etc., que tem algumas peculiaridades: deve ser generosa, amorosa, acolhedora, não vingativa etc. Este “poder superior” psíquico do grupo terapêutico é uma síntese da complexidade: todos compreendem a que se refere, embora cada um individualmente tenha sua própria representação dele.

O Quadro 2 mostra reflexões sobre os princípios da complexidade que apontam ser a complexidade uma base epistemológica adequada para discutir este tema.

Quadro 2 – Relações epistemológicas entre os princípios norteadores da complexidade e o tema de grupos terapêuticos de NA na recuperação da adicção

Princípio	Relações epistemológicas com o tema de grupos terapêuticos de NA na recuperação da adicção
Princípio sistêmico	No grupo de NA, por meio da partilha, o conhecimento das partes integra-se ao conhecimento do todo, e o resultado, a recuperação, revela que o todo é maior que a soma das partes, pois dificilmente um membro sozinho conseguiria entrar em recuperação e manter-se nela.
Princípio hologramático	Como cada um se vê no grupo e o grupo é uma expressão do conjunto formado por todos os membros, nos grupos de NA consta-se que as partes estão no todo e o todo está em cada parte.

Princípio do ciclo retroativo	Os grupos de NA existem para propiciar o processo de recuperação, e a recuperação decorre da existência dos grupos de NA. Assim a causa age sobre o efeito e o efeito sobre a causa.
Princípio do ciclo recorrente	O grupo de NA é produto e consequência do que produz. A participação no grupo produz o processo de recuperação, ao mesmo tempo em que promove o surgimento de novos comportamentos, valores e cultura entre seus membros.
Princípio da auto-organização	À medida que os membros participam das reuniões dos grupos de NA eles se auto organizam, autoproduzindo suas normas de conduta e se estruturando para garantir de sua autonomia.
Princípio dialógico	Ao assumir a adicção como doença incurável, o membro de NA coloca-se constantemente diante do princípio dialógico de buscar a recuperação e saber que seu problema é incurável. Ele aceita a dualidade e convive com ela em harmonia à medida que aceita a própria limitação e abre-se para a ação de um Poder Superior em sua vida.
Princípio da reintrodução do conhecido em todo conhecimento	Os grupos de NA surgiram a partir dos grupos de Alcoólicos Anônimos, cuja base de recuperação foi construída a partir das partilhas de seus membros. Assim, nestes grupos vale dizer que “todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/inteligência em uma cultura e em tempo determinados”.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Morin (2003, p. 72-75).

Como pode ser visto no Quadro 2, há uma aderência do tema aos princípios norteadores da complexidade, permitindo eleger a complexidade como um dos lastros epistemológicos para a construção do conhecimento quando se pesquisa o papel de grupos de Narcóticos Anônimos (NA) na recuperação de adictos ao uso de drogas.

Além da complexidade, aponta-se aqui a multirreferencialidade como outra base epistemológica adequada para a discussão do tema. Tal escolha justificase pelo fato de que o papel de grupos de Narcóticos Anônimos na recuperação de adictos ao uso de drogas requer o estudo de referenciais encontrados no saber dos próprios membros, na literatura utilizada pelos membros de NA, nas abordagens espiritualistas relativas à crença um Poder Superior que rege cada membro do grupo, além dos referenciais encontrados nos estudos acadêmicos sobre os grupos de NA, sobre redes, sobre terapia cognitiva e outros, que levam à leitura plural do objeto de estudo, a partir de diferen-

tes ângulos, com sistemas de referenciais distintos que são heterogêneos, não equivalentes entre si e não redutíveis uns aos outros (BARBOSA, 1998a).

Ainda sobre a relação entre multirreferencialidade e o tema, pode-se dizer que os membros dos grupos terapêuticos de NA acreditam que “a doença sai pela boca”, já que é falando, partilhando sobre dificuldades e vitórias, que o adicto encontra e prossegue no seu caminho de recuperação. Esta partilha não existiria se não houvesse no grupo uma postura que pode assemelhar-se com a escuta sensível preconizada por Barbier (1998).

Embora um estudo deste tema comporte em certo grau um planejamento metodológico, certamente a compreensão do tema se ampliará e se aprofundará na medida em que pesquisas sejam feitas e dados sejam coletados e reunidos, numa bricolagem que revelará, pouco a pouco, a imagem do conjunto. Assim sendo, na tessitura da abordagem complexa e

multirreferencial busca-se uma base epistemológica adequada para a discussão deste tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste texto, apresentar reflexões sobre abordagens epistemológicas para a compressão do papel de grupos de Narcóticos Anônimos na recuperação de adictos ao uso de drogas, foi atingido na medida em que se verificou que os princípios da complexidade e as características da multirreferencialidade estão alinhadas com o tema em estudo.

Quanto à bricolagem como técnica na construção multirreferencial do conhecimento, a análise, a partir de uma série de pontos de vista, como peças de quebra-cabeça, pode fornecer uma visão geral dos vários aspectos do problema, permitindo que estes aspectos possam ser integrados gradualmente, formando uma imagem única, peculiar, própria daquele conjunto de elementos.

A análise multirreferencial sobre o grupo terapêutico em NA deverá utilizar conceitos da psicologia, dinâmica dos grupos, sociologia, drogadição, ritualidade, antropologia, análise de redes sociais, pensamento sistêmico, sob a ótica da multirreferencialidade e complexidade, além de considerar elementos de códigos de linguagem e seu valor conceitual e metodológico.

A epistemologia subjacente à complexidade e à multirreferencialidade ajustam-se à construção do conhecimento sobre o papel dos grupos de Narcóticos Anônimos na recuperação de adictos ao uso de drogas por afastar-se da visão cartesiana de mundo, por admitir a relação entre sujeito e objeto de pesquisa, por defender que a compreensão de um todo é possível quando este todo é respeitado em sua integralidade. Ademais, valem para estas abordagens epistemológicas os princípios da Teoria Geral de Sistemas, bastante identificados nos grupos de NA.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, J. Nota a propósito das relações entre a abordagem multirreferencial e a análise institucional (história ou histórias). In: BARBOSA, J. G. (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p.42-49.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, J. G. (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BARBOSA, J. G.(Org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EdUFFSCar, 1998a.

BARBOSA, J. G.(Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998b. 206p.

BURNS, J. E. **O caminho dos doze passos**: tratamento de dependência de álcool e outras drogas. São Paulo: Loyola, 1995.

CARDOSO, R. M. M. **Só por hoje**: um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea. 2006. 113f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2006. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2006_CARDOSO_Ricardo_Muniz_Mattos-S.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2014.

LANNA, M. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a Dádiva. **Revista de Sociologia Política**, v.14, Curitiba, jun. 2000. p.173-194. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a10n14.pdf>>. Acesso em: 8 fev.2014.

LAPASSADE, G. Da multirreferencialidade como “bricolagem”.In:BARBOSA, J. G (Org.).

Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

LOECK, J. F. **Adicção e ajuda mútua:** Estudo Antropológico de Grupos de Narcóticos Anônimos na cidade de Porto Alegre (RS). 2009. 157f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18357/000727239.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

MARTINS, J. B. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, n.26, 2004. p.85-94.

MOREIRA, M. C. N. A dívida da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de alcoólicos anônimos. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.9, n.4, Rio de Janeiro, Dez. 2004. p.1079-1080. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000400028&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 fev. 2014.

MORIN, E. A necessidade do pensamento complexo. In: MENDES, Cândido (Org.). **Representação e complexidade.** Rio de Janeiro: Garamond, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001317/131796por.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** 5.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

NARCÓTICOS Anônimos. **Texto Básico.** 5.ed. Chatsworth, Califórnia- USA: NAWS, 1993.

NARCOTICS Anonymous. **Information about NA.** Califórnia, USA: NAWS, 2010. Disponível em: <http://www.na.org/admin/include/spaw2/uploads/pdf/PR/Information_about_NA.pdf> Acesso em: 8 fev. 2014.

PLANETA, C. S.; DELUCIA, R. Abuso e dependência de substâncias psicoativas. **Jornal da História da Ciência.** Centro de História da Ciência da USP. 4.ed. out-dez. 2009. p.2. Disponível em: <[http://www.usp.br/chc/Imagens/Jornal_JHC_No_04__\(out-dez_2009\).pdf](http://www.usp.br/chc/Imagens/Jornal_JHC_No_04__(out-dez_2009).pdf)>. Acesso em: 8 fev. 2014.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência e saúde coletiva** [on-line]. v.10, n.3, Rio de Janeiro, 2005. p.707-717. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000300027&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 fev. 2014.

VELHO, G. **Nobres e anjos. Um estudo de tóxicos e hierarquia.** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

WDR 13. Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. **Relatório Mundial de Drogas - Referencia Brasil 2013.** Disponível em: <http://www.unodc.org/documents/lpo-brazil//Topics_drugs/WDR/2013/PT-Referencias_BRA_Portugues.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2014.

Recebido em: 9 de dezembro de 2015
Avaliado em: 10 de dezembro de 2015
Aceito em: 11 de dezembro de 2015

1. Psicólogo, Especialista em Dependência Química, Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Doutorando no Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC), um doutorado em associação entre UFBA, IFBA, SENAI, UNEB, LNCC, UEFS. E-mail: joselamartineneto@gmail.com
2. Pós Doutora em Educação (UERJ), Doutora em “Calidad y Procesos de Innovación Educativa” pelo Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha, Professora Pleno da Universidade do Estado da Bahia e docente do DMMDC. E-mail: mariaoliviamatos@gmail.com
3. Físico, Doutor em Educação (UNICAMP), Professor visitante na UEFS e professor colaborador do DMMDC. E-mail: jmichine@hotmail.com
4. Doutor em Engenharia Multimídia pela Universitat Politècnica de Catalunya, Professor Pleno da Universidade do Estado da Bahia, Professor Associado do SENAI CIMATEC, e docente do DMMDC. E-mail: hbbpereira@gmail.com